



SEÇÃO: ARTIGO

## A razão como ordem social: um diálogo crítico sobre as mulheres entre Kant e Mary Wollstonecraft<sup>1</sup>

*Reason as a social order: a critical dialogue about women between Kant and Mary Wollstonecraft*

Rafaela Weber

Mallmann<sup>2</sup>

[orcid.org/0000-0001-7400-7529](https://orcid.org/0000-0001-7400-7529)  
[rafaela.mallmann@edu.pucrs.br](mailto:rafaela.mallmann@edu.pucrs.br)

*"[...] eu advogo por meu sexo, não por mim mesma. Há muito tempo considero a independência a grande bênção da vida, a base de toda virtude; e tal independência quero garanti-la sempre, pela contenção de minhas necessidades, ainda que eu vá viver em uma terra deserta".*

(Wollstonecraft)

**Enviado em:** 30 jan. 2021.

**Aprovado em:** 27 jul. 2021.

**Publicado em:** 02 set. 2021.

**Resumo:** O iluminismo reconhecido como período das luzes, emancipou a razão humana livre de qualquer submissão. Apesar da ideia universalizante, não era assim para as mulheres. Kant, em muitos escritos, deixa clara sua visão de que a mulher, relacionada ao "belo", é desprovida de virtudes, manifestando suas ações a partir da emoção, e nunca guiadas pela razão. No mesmo período, Mary Wollstonecraft escreve *Reivindicação dos Direitos da Mulher* (1792), em que argumenta sobre a posição da mulher na sociedade e de que modo sua exclusão do campo da razão afeta a vida social. Diante disso, o presente texto busca realizar um diálogo entre a teoria kantiana e as ideias de Wollstonecraft para, em um segundo momento, apresentar as novas perspectivas feministas sobre questões envolvendo a posição da mulher na sociedade e a igualdade de gênero.

**Palavras-chave:** Feminismo. Kant. Wollstonecraft. Razão. Mulher.

**Abstract:** Enlightenment recognized as a period flights, emancipated human reason free from any submission. Despite the universal idea, it was not so for women. Kant in many writings makes clear his view that the woman, related to the "beautiful", is devoid of virtues, manifesting her actions from emotion, and never guided by reason. In the same period, Mary Wollstonecraft writes *A Vindication of the Rights of Woman: With Strictures on Political and Moral Subjects* (1792), in which she argues about the position of women in society and how their exclusion from the field of reason affects social life. Given this, the present text seeks to carry out a dialogue between Kant and the theory and Wollstonecraft's ideas, in order to, in a second moment, present the new feminist perspectives on issues involving the position of women in society and gender equality.

**Keywords:** Feminism. Kant. Wollstonecraft. Reason. Woman.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

## Introdução

As ideias iluministas de emancipação da razão humana não abarcaram a metade da humanidade. As mulheres foram excluídas de todos os assuntos referentes ao pensar, sendo reclusas à esfera privada e doméstica da vida. Desde os primórdios da humanidade, é disseminado o pensamento de que a função da mulher na terra é servir ao homem e satisfazer os desejos e necessidades dele, além procriar e cuidar dos filhos e do lar.

Immanuel Kant viveu entre 1724 e 1804, sendo um reconhecido filósofo que emancipou a razão humana livre de qualquer submissão. Com essa percepção restrita aos homens, esses foram relacionados ao sexo sublime, cheio de virtudes e detentor da razão. À mulher, foi designado o sexo belo, em que suas ações são baseadas na emoção e sua vida é dedicada ao homem. Os estudos de Kant refletem e reforçam o pensamento da mulher como frágil, emocional e que necessita ser tutorada pelo marido, pois sua menoridade não permite que aja por si mesma utilizando a razão.

Vivendo no período de 1759 a 1797, Mary Wollstonecraft escreve *Reivindicação dos Direitos da Mulher* em 1792, questionando a posição da mulher na sociedade. A obra se tornou reconhecida mundialmente como um dos primeiros escritos feministas. A educação surge para a filósofa como principal forma de oportunizar à mulher utilizar a razão para guiar sua vida. Demonstrando que as características destinadas às mulheres foram construídas socialmente pelos homens ao excluí-las do campo da razão, Wollstonecraft se torna uma referência na discussão pela igualdade no tratamento entre homens e mulheres.

O presente texto demonstra a relação entre os estudos de Kant e Wollstonecraft, de modo que são apresentadas as ideias de cada autor, a partir de pontos e contrapontos entre os filósofos. Em um segundo momento, são demonstradas as críticas e reformulações que teorias feministas fazem de Kant, a partir dos questionamentos que foram oportunizados pela própria Wollstonecraft quanto à posição da mulher no campo da razão,

além de apresentar novas perspectivas feministas que surgiram no decorrer das décadas a fim de denunciar as desigualdades e violências que as mulheres sofrem, bem como lutar pela igualdade de gênero nos diversos âmbitos da vida.

Para sua realização são utilizadas como base as obras de Immanuel Kant e Mary Wollstonecraft a fim de esclarecer o pensamento de cada um, para após, utilizar autoras feministas que oportunizam uma discussão aprofundada referente à posição da mulher na sociedade.

## Sobre as mulheres

Mary Wollstonecraft (2016) afirma que ao lutar pelos direitos da mulher, os seus ideais se baseiam na ideia de que a mulher deve ser preparada pela educação para se tornar a companheira do homem,<sup>3</sup> e caso isto não ocorra, será interrompido o progresso do conhecimento e da virtude. Isso ocorre porque, segundo a filósofa, a verdade deve ser comum a todos ou será ineficaz em relação à sua influência na conduta geral. Para ela, não há como esperar que uma mulher colabore, se nem ao menos ela sabe por que deve ser virtuosa. Assim, é necessário que a liberdade fortaleça a razão para que ela compreenda seu dever e entenda de que modo este está associado ao seu bem.

Kant propõe uma distinção clara entre homens e mulheres, sobre a qual ele afirma que a educação deve ser baseada nessa distinção, assim como também "todo esforço no sentido de promover a perfeição moral de um ou outro sexo da espécie humana, a menos que se queira ignorar a estimulante diferença instituída entre eles pela natureza" (2012, p. 34). Portanto, o homem é reconhecido como sexo nobre e sublime, e a mulher, o sexo belo. Com isso, o filósofo afirma que não quer dizer "que a mulher careça de qualidade nobres, ou que o sexo masculino deva ser inteiramente privado da beleza; espera-se, ao contrário, que cada sexo reúna a ambos" (2012, p. 34) de modo que

<sup>3</sup> Companheira no sentido de companhia para a vida e estudos, e não de mulher submissa às vontades alheias.

em uma mulher todos os outros traços devam estar ligados a fim de elevar o caráter do belo, que é seu ponto de referência específico; e que, por oposição, dentre as qualidades masculinas sobressaia nitidamente o sublime" reconhecido como "a marca de seu gênero" (KANT, 2012, p. 34).<sup>4</sup>

Ao tratar sobre distinção feita pela própria sociedade entre homens e mulheres e sua influência na educação, Wollstonecraft afirma que a conduta das mulheres são a prova de que suas mentes não se encontram em um estado sadio. Um sistema de educação falso que é extraído de livros sobre o assunto escrito por homens, considera as mulheres mais "como fêmeas do que como criaturas humanas, estão mais ansiosos em torná-las damas sedutoras do que esposas afetuosas e mães racionais" (2016, p. 25). Afirma que a compreensão do sexo feminino tem sido "tão distorcido por essa homenagem ilusória que as mulheres civilizadas de nosso século, com raras exceções, anseiam apenas inspirar amor, quando deveriam nutrir uma ambição mais nobre e exigir respeito por suas capacidades e virtudes" (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 25).

As mulheres ainda são consideradas um sexo frívolo, "ridicularizadas ou vistas como dignas de pena pelos escritores que se esforçam, por meio da sátira ou da instrução, para melhorá-las" (2016, p. 28). É reconhecido que grande parte dos anos iniciais de suas vidas, passam adquirindo habilidades superficiais e a "força do corpo e da mente é sacrificada em nome de noções libertinas de beleza e do desejo de se estabelecer mediante o matrimônio – o único modo de as mulheres ascenderem no mundo" (2016, p. 28). Como tal desejo "faz delas meros animais, quando se casam comportam-se do mesmo modo que se espera das crianças – vestem-se, pintam-se e são apelidadas criaturas de Deus" (2016, p. 28). Diante desse cenário, Wollstonecraft (2016, p. 28) afirma que "certamente, esses seres frágeis servem apenas para um harém! Como se pode esperar que governem uma família com juízo ou cuidem das pobres crianças que trazem ao mundo?".

Para Kant (2012), a mulher tem um forte senti-

mento inato pelo que é belo, gracioso e ordenado e, desde criança, gosta de se enfeitar, sendo muito sensível a tudo o que pode produzir asco. Facilmente pode se entreter com futilidades, desde que sejam alegres e divertidas. O filósofo apresenta um traço supostamente natural nessas características femininas, enquanto Wollstonecraft (2016) denuncia tais comportamentos como construídos a partir de um discurso masculino que impõe à mulher esse espaço privado das relações e que a exclui do campo da razão. Kant (2012) ainda argumenta que a função da mulher também é refinar o sexo masculino, pois é ela quem possui o fundamento essencial do contraste entre as qualidades belas e nobres.

Sobre as formas de entendimento de cada sexo, Kant afirma que "o belo sexo possui tanto entendimento quanto o sexo masculino; trata-se, porém, de um belo entendimento, enquanto o nosso deve ser um entendimento profundo, expressão que significa o mesmo que um entendimento sublime" (KANT, 2012, p. 35). O entendimento da mulher, portanto, é relegado a tudo que é belo e gracioso. Excluídas do campo da razão, Kant (2009, p. 106)<sup>5</sup> compara as mulheres com as crianças, pois são naturalmente incapazes, e a mulher "é declarada civilmente incapaz em qualquer idade; o marido é seu curador natural".

Devido ao fato de que o aprendizado é algo secundário para as mulheres, elas não se dedicam a nenhuma disciplina com "o ardor e a perseverança necessários para dar vigor às faculdades e clareza ao julgamento", sendo então focadas em sua dependência e ocupações domésticas. Assim, o cultivo do entendimento das mulheres é sempre subordinado "à obtenção de algum dote físico, mesmo quando o corpo, debilitado pelo confinamento e pelas falsas noções de modéstia, é impedido de alcançar a graça e a beleza que membros relaxados e pouco desenvolvidos nunca exibem" (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 43). Ainda, durante a juventude, "suas faculdades não são estimuladas pela emulação; e, por não contarem com estudos científicos sérios, a sagacidade

<sup>4</sup> Kant publica pela primeira vez a obra *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime* em 1764.

<sup>5</sup> A obra de Kant *Antropologia de um ponto de vista pragmático* é publicada em 1798.

natural que porventura tenham volta-se cedo demais para a vida e as boas maneiras" (2016, p. 44). Desse modo, "elas se estendem sobre os efeitos e modificações, sem procurar as causas, e as regras complicadas que governam o comportamento são um fraco substituto para os princípios fundamentais" (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 44).

Como a mulher desde o início de sua vida é ensinada a ter comportamentos "femininos", de graciosidade, culto à beleza, e outros que envolvam situações simples e cotidianas, o uso da razão não é exercitado e as próprias mulheres entram em um ciclo de não percepção da realidade que as afeta. Isso é racionalmente planejado pelos homens, de modo que a submissão do outro sexo seja apresentada como algo natural e que eles serão os seres capacitados ao uso da razão. A consequência é que são adquiridos "modos antes de moral e um conhecimento da vida antes de ter qualquer familiaridade, a partir da reflexão, com o grande esboço ideal da natureza humana" (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 45). Assim, ao aceitar a suposta natureza comum, "tornam-se presas fáceis dos preconceitos e, adotando opiniões alheias, submetem-se cegamente à autoridade" (2016, p. 45). Caso algumas possuam bom senso nesse contexto, "é uma espécie de olhar instintivo que capta proporções e decide a respeito dos modos, mas que não lhes permite encontrar argumentos profundos nem analisar opiniões" (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 45).

Ao fortalecer a mente feminina de modo que a expanda, haverá um fim à obediência cega. Entretanto, "como o poder busca a obediência cega, os tiranos e os homens sensuais estão certos quando se esforçam por conservar a mulher no escuro, pois os primeiros querem somente escravas, e os últimos, um brinquedo" (2016, p. 45). Assim, "o homem sensual, de fato, é o mais perigoso dos tiranos, e as mulheres têm sido enganadas por seus amantes, tal como os príncipes por seus ministros, enquanto sonham que reinam sobre eles" (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 45).

Os traços históricos da opinião de que a mulher foi criada para o homem podem ter surgido da história de Moisés, entretanto, "como se supõe

que muito poucos dos que pensaram seriamente sobre o tema sempre presumiram que Eva era, literalmente, uma das costelas de Adão" (2016, p. 47), essa dedução deve "ser esquecida ou admitida apenas como prova de que o homem, desde a mais remota Antiguidade, achou-a conveniente para exercer sua força, a fim de subjugar sua companheira" (2016, p. 47), e ainda, "utilizou sua invenção para mostrar que a mulher deveria ter seu pescoço sob jugo, porque toda a criação foi feita apenas para a conveniência e o prazer do homem" (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 47).

Kant deixa essa visão bem explícita ao escrever sobre a união entre os sexos, que para sua unidade e indissolubilidade, não é suficiente o encontro aleatório de duas pessoas, mas que uma das partes deve estar submetida à outra, de modo que uma seja superior à outra em algum aspecto, a fim de dominá-la ou governá-la. O filósofo justifica tal posição afirmando que "se entre duas pessoas que não podem prescindir uma da outra há pretensões iguais, nelas o amor-próprio gera apenas discórdia", complementando ainda que durante o "progresso da civilização, cada uma das partes tem de ser superior de maneira heterogênea" (KANT, 2009, p. 199), de modo que "o homem tem de ser superior à mulher por sua capacidade física e sua coragem, mas a mulher, por seu dom natural de dominar a inclinação do homem por ela" (KANT, 2009, p. 199), pois, "no estado ainda não civilizado, a superioridade está simplesmente do lado do homem" (KANT, 2009, p. 199). Ainda, reconhece que há deveres tanto do homem para a mulher, como dela para o marido.

As feminilidades, para Kant, significam fraquezas, tendo em vista que "graceja-se com elas, os tolos as utilizam para seu escárnio, mas os sensatos vêem muito bem que são elas justamente as alavancas que dirigem a masculinidade, e que as mulheres as empregam para aquele seu fim" (KANT, 2009, p. 199). Demonstrando a percepção da mulher como "fofoqueira", afirma que enquanto o homem é um ser fácil de investigar, "a mulher não revela seu segredo, ainda que não guarde bem o de outros (devido à sua loquacidade)" (KANT, 2009, p. 199). Sobre os

afazeres domésticos e o lar, afirma que a mulher "ama a paz do lar e se submete de bom grado ao regimento dela, simplesmente para não se ver estorvado em seus afazeres". Diante disso, "a mulher não teme a guerra doméstica, em que ela combate com sua língua, e em vista da qual a natureza lhe deu a loquacidade e eloquência carregada de emoção, que desarma o homem" (KANT, 2009, p. 199).

Sobre a separação dos afazeres, afirma que "ela se baseia no direito do mais forte para mandar na casa, porque deve protegê-la contra os inimigos externos; ela, no direito do mais fraco: o de ser protegida pelo homem contra os homens" (KANT, 2009, p. 199). No estado de natureza, afirma Kant, "a mulher é como um animal doméstico" (2009, p. 199), pois o homem "vai à frente com suas armas na mão, e a mulher o segue, carregando a bagagem de utensílios do lar" (KANT, 2009, p. 199). Acrescenta ainda que "mesmo ali onde uma constituição civil bárbara torna legal a poligamia, a mulher favorita sabe obter, dentro de sua jaula (denominada harém), o domínio sobre o homem" (2009, p. 199), e este "pena muito para conseguir uma paz tolerável na disputa de muitas para ser aquela (que há de dominá-lo)" (KANT, 2009, p. 199).

Reforçando a ideia da mulher como um ser mais fraco e que sua vida se constitua a partir do sujeito homem, os escritos de Kant demonstram que a função da mulher é, além de servir ao homem, dominá-lo (dando a ideia de a mulher ser a ardilosa alma que busca seduzi-lo), enquanto ele, um ingênuo ser, é quem sofre para alcançar a paz dentro da disputa das mulheres por ele. A ideia da mulher como um animal doméstico também serviu como base para justificar diversas desigualdades no tratamento entre os sexos, sendo essa uma das principais críticas feministas em relação a Kant.

A questão em torno de a mulher ter a função de seduzir o homem, insere nela uma posição de certa maldade, como se fosse a mente que arquiteta a situação para "fisgar" um bom marido. Ao mesmo tempo em que a determina esse papel, ela não é um ser guiado pela razão. O que traz certas incongruências, pois de que modo

poderia essa alma planejar todas as artimanhas necessárias para seduzir o homem e fazê-lo escolher ela entre tantas opções, se não se der tal planejamento pelo uso da razão?

Voltando aos estudos de Wollstonecraft (2016, p. 53-54), a filósofa afirma que "frequentemente acontece de as mulheres que fomentaram uma delicadeza de sentimentos romântica e inatural desperdiçarem sua vida imaginando quão felizes teriam sido com um marido que as amasse com afeto crescente e fervoroso". Essas mesmas mulheres poderiam "definhar tanto casadas quanto solteiras e não seriam nem um pouco mais infelizes com um mau marido do que ansiando por um bom marido". Reconhece que uma educação apropriada, que oportunize uma mente bem formada, "permitiria a uma mulher suportar viver sozinha com dignidade; mas evitar o cultivo de seu gosto, temendo que seu marido pudesse ocasionalmente se opor a ele, equivale a renunciar à substância pelo irreal" (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 54).

Questionando qual a finalidade do gosto refinado (tão defendido por Kant para as mulheres), Wollstonecraft afirma que não entende para que serve, se isso não oportuniza ao indivíduo mais "independência em relação às contingências da vida; se não se abrem novas fontes de prazer, dependentes apenas da atividade solitária da mente" (2016, p. 54). Argumenta que "as pessoas de bom gosto, casadas ou solteiras, sem distinção, sempre serão desgostosas de tudo que suscita o interesse de mentes não menos atentas" (2016, p. 54). Assim, "o argumento não deve depender dessa conclusão, mas, em toda gama de prazeres, deve o gosto ser denominado uma bênção?" (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 54).

Nesse cenário, a filósofa argumenta que não é dito às mulheres em que consiste sua existência quando não há casamento ou promessa de casamento. Os homens são preparados para uma vida futura, e boa parte deles aconselham a mulher a se ocupar somente com o presente. Recomendam a gentileza, a docilidade e o afeto servil como virtudes fundamentais do sexo feminino (tal como já demonstrado nos escritos de

Kant). Wollstonecraft (2016, p. 57) afirma que "se a Razão oferece sua sóbria luz, se as mulheres são realmente capazes de agir como criaturas racionais, que não sejam tratadas como escravas nem como animais que, submetidos ao homem, dependem da sua razão", mas, de modo contrário, que "cultivem sua mente, deem a elas o limite sublime e salutar dos princípios e deixem que alcancem a dignidade consciente, sentindo elas próprias que dependem apenas de Deus" (2016, p. 57). Acrescenta ainda que "ensinem-nas, como aos homens, a se submeter à necessidade, em vez de atribuírem um sexo à moral para torná-las mais agradáveis" (2016, p. 57), mas "se a experiência provar que elas não podem atingir o mesmo grau de vigor mental, de perseverança e de força moral" (2016, p. 57) que deixem que

suas virtudes sejam do mesmo tipo, ainda que elas lutem em vão para obter o mesmo grau; e a superioridade do homem será igualmente clara, se não mais clara; e a verdade, uma vez que é um princípio simples, que não admite modificação, será comum a ambos (2016, p. 57).

Com isso, a ordem da sociedade como é estabelecida não seria invertida, tendo em vista que a mulher "teria apenas o lugar atribuído a ela pela razão e não poderia usar de artifícios para estabelecer o equilíbrio da balança, muito menos para invertê-lo. Esses podem ser considerados sonhos utópicos" (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 58). Mary escreve sobre como agradece ao Ser que inseriu tais sonhos em sua alma e oportunizou suficiente esforço mental para se atrever a exercer a própria razão, até que se torne dependente apenas dela para viver sua vida, de modo que consegue visualizar com indignação as noções equivocadas que escravizam as pessoas do seu sexo.

A filósofa afirma que ama o homem como seu companheiro, entretanto, seu cetro não se estende até ela, a menos que a razão do indivíduo reclame sua homenagem, e ainda assim, sua submissão é à razão, e não ao homem. Nesse sentido, "a conduta de um ser responsável deve ser regulada pelas operações de sua própria razão" (2016, p. 58). Reforçando a necessidade de "insistir nessas verdades óbvias", demonstra ser essencial

porque as mulheres têm sido isoladas" (2016, p. 58) e "enquanto elas têm sido despojadas das virtudes que deveriam cobrir a humanidade, têm sido adornadas com graças artificiais que lhes possibilitam exercitar uma breve tirania" (2016, p. 58). Isso se dá "com o amor ocupando o lugar de toda paixão mais nobre em seu coração" (2016, p. 58), o que faz com que "sua única ambição é ser bela para suscitar emoção, em vez de inspirar respeito; e esse desejo ignóbil, tal como o servilismo nas monarquias absolutistas, destrói toda força de caráter" (2016, p. 58). Diante disso, "a liberdade é a mãe da virtude, e se as mulheres são, por sua própria constituição, escravas, e se não lhes é permitido respirar o ar vivo e vivificante da liberdade, elas devem continuar a definhar como planta exótica e a ser consideradas belas imperfeições da natureza", lembrando ainda que "elas são a única imperfeição" (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 58).

Mary Wollstonecraft (2016) argumenta que educação das mulheres de forma mais racional, é essencial para o progresso da virtude humana, e até que isso aconteça, esse progresso e o aperfeiçoamento do conhecimento encontrarão contínuos obstáculos. Diante disso, a humanidade, e nisso inclui as mulheres, se tornará mais sábia e virtuosa no momento em que uma política se difundir a liberdade.

A atribuição de um sexo à mente faz Wollstonecraft (2016, p. 67) refletir sobre o que os homens de sua época escreviam e de que modo isso ia contra os próprios princípios que eles utilizavam. Demonstra a necessidade de não deixar os homens utilizarem os mesmos argumentos "dos reis tirânicos e ministros venais e afirmem com falácia que a mulher deve submeter-se porque sempre foi assim" (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 67).

A filósofa nega a existência de virtudes próprias de determinado sexo, pois o significado da palavra deve ser o mesmo para o homem e para a mulher. Entretanto, "o criativo caráter feminino, tão bem descrito por poetas e romancistas, ao demandar o sacrifício da verdade e da sinceridade, converte a virtude em uma ideia relativa" (2016, p. 73), e essa não possui outro fundamento que não seja a utilidade, "e essa utilidade os homens fingem de

modo arbitrário julgar, modelando-a para sua própria conveniência" (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 73). As mulheres possuem diferentes obrigações, mas todas são obrigações humanas, e assim, os princípios a regular seu desempenho devem ser os mesmos.

Desse modo, "para tornar-se respeitável, é necessário o exercício do entendimento" (2016, p. 73), tendo em vista que "não há nenhum outro fundamento para obter um caráter independente; quero dizer explicitamente que elas devem curvar-se apenas à autoridade da razão, em vez de serem as modestas escravas da opinião" (2016, p. 73). Ao admitir que as mulheres são criaturas racionais, todas deveriam "ser incitadas a adquirir virtudes que poderiam chamar de próprias, pois como é possível enobrecer um ser racional por algo que este não obtém por seu próprio esforço?" (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 74).

Kant ao refletir sobre a mulher intelectual, afirma que

a uma mulher que tenha a cabeça entulhada de grego, como a senhora Dacier, ou que trave disputas profundas sobre mecânica, como a marquesa de Châtelet pode mesmo faltar uma barba, pois com esta talvez consigam exprimir melhor o ar de profundidade a que aspiram. O belo entendimento eleger como objeto tudo aquilo que é muito aparentado com o sentimento refinado, e abandona especulações ou conhecimentos abstratos – úteis, porém áridos – ao entendimento diligente, sólido, profundo. Por isso, a mulher não aprenderá geometria; e, do princípio de razão suficiente ou das mônadas, saberá apenas o quanto for necessário para perceber o sal das sátiras cristalizado pelos pensadores superficiais de nosso sexo. O belo sexo pode deixar Descartes sempre a girar seus vórtices, sem se afligir com isso, mesmo se o galante Fontenelle queira fazer-lhe companhia entre as estrelas vagantes; e a atração de seu encanto nada perde em poder, mesmo no caso de desconhecer inteiramente aquilo que Algarotti se esforçou em apontar, para o bem dele, acerca das forças de atração da matéria bruta, tal como a concebeu Newton. No aprendizado da história, não encherá a cabeça com batalhas, e, no de geografia, com fortalezas; pois a pólvora dos disparos lhe convém tão pouco quanto o almiscar convém aos homens (KANT, 2012, p. 36-37).

Verifica-se como os escritos de Kant alimentam as ideias de impor às mulheres a esfera privada e o uso das emoções para basear suas ações,

pois quando se submetem ao uso da razão, devem ser consideradas com características masculinas. Ainda, o filósofo demonstra em seus textos que a vida das mulheres é baseada em questões presentes e fúteis da vida humana. É justamente contra essa forma de pensamento que Wollstonecraft escreve. Por Kant ser um filósofo iluminista, incentivou diversos novos expoentes do conhecimento a partir de seus escritos, e com isso o padrão de exclusão das mulheres seguiu se repetindo.

Kant (2007)<sup>6</sup> revoluciona o pensar a partir da razão ao indicar o uso do imperativo categórico como forma de lidar com as ações e a vida humana. Todos os imperativos ordenam ou hipotética ou categoricamente. Os primeiros, representam a necessidade prática de uma ação possível como meio de alcançar qualquer outra coisa que se queira. Assim, a ação é boa apenas como meio para alcançar determinado fim. Já o imperativo categórico é aquele que representa uma ação objetivamente necessária por si mesma, boa em si, sem qualquer outra finalidade.

O valor moral de um ato está no imperativo categórico, "pois este ordena imediatamente um comportamento, sem se relacionar com a matéria de uma ação e com o que dela pode resultar, mas tão somente com a forma da qual deriva", assim, o valor moral do ato reside "na intenção, seja qual for o resultado" (WEBER, 1999, p. 32). O imperativo categórico é um só, mas dele surgem diversos desdobramentos e formulações, consistindo em: "age apenas segundo uma máxima tal que possas, ao mesmo tempo, querer que ela se torne lei universal" (KANT, 2007, p. 59). A questão atualmente debatida pelas feministas que estudam Kant, reside em fazer uma releitura de sua teoria, de modo que a mulher seja compreendida como um ser guiado pela razão que tem a capacidade de basear suas ações e submeter suas percepções à razão. No tópico a seguir, será demonstrado como o imperativo categórico pode servir de base para um feminismo ético, na medida em que denuncia as

<sup>6</sup> *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, de Immanuel Kant, é publicada em 1785.

desigualdades de gênero e violações aos direitos humanos das mulheres.

Quando o filósofo escreve a *Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?*, em dezembro de 1783, eleva a discussão da razão à saída dos homens de sua minoridade. Kant compreende essa minoridade como a incapacidade de utilizar de seu próprio entendimento sem a tutela de outro ser, buscando incentivar que a humanidade tenha a coragem de utilizar por si próprios da sua razão. É demonstrado que a saída da minoridade é igualmente complexa para homens e mulheres. Parece haver um certo incentivo por parte de Kant em que as mulheres iniciem esse processo de emancipação, quando afirma que o perigo de dar esse passo na vida não seja tão grande e que após algumas quedas, é possível aprender a andar sozinha.

Interessante observar as datas dos escritos de Kant mencionadas, pois as obras mais reconhecidas e criticadas que Kant escreve sobre a condição de inferioridade racional da mulher são *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, escrita em 1764, e *Antropologia do ponto de vista pragmático*, de 1798. Ocorre que nesse meio período, Kant escreve a *resposta à pergunta o que é esclarecimento?* Em 1783, em que inclui a mulher à possibilidade de sair de sua minoridade. Uma interpretação possível de seus escritos é que apesar de seu posicionamento sobre a inferioridade racional das mulheres, ligada à minoridade, o filósofo reconhece ser possível que saiam dessa condição. Enquanto Kant demonstra ser naturalmente da condição da mulher a relação entre os afazeres domésticos e a vida baseada em futilidades, Mary Wollstonecraft avançou demonstrando que esse pensamento é uma reprodução do discurso masculino que exclui as mulheres do campo da razão, anulando a ideia de naturalidade e incluindo a reprodução social de um discurso construído. Kant de fato reproduz esse discurso, mas ao reconhecer a possibilidade de emancipação da minoridade às mulheres, demonstra que ao atingir a condição do esclarecimento, é possível falar em igualdade racional entre homens e mulheres.

No próximo tópico do texto, serão apresentadas novas percepções feministas que incluem estudos do final do século XX, e início do século XXI. Será possível compreender como as reivindicações feitas por Wollstonecraft no século XVIII continuam atuais quando se fala em desigualdades de gênero. Ainda, releituras feministas da teoria kantiana também serão descritas no intuito de demonstrar que é possível utilizar a emancipação da razão kantiana de forma favorável às mulheres.

### Novas percepções feministas

Como foi demonstrado, a situação da mulher no século XVIII foi marcada pela exclusão do campo da razão, e ao mesmo tempo, por reivindicações feministas, como a de Wollstonecraft, que possibilitaram um outro olhar sobre a condição da mulher. Olhar esse que a vê como um ser dotado de razão, com plenas faculdades mentais para serem aproveitadas, devendo ser investido na educação das meninas desde criança para explorar todas as formas de capacidades mentais possíveis, nas mais diversas áreas do conhecimento. Analisando a forma como eram tratadas, é possível observar traços semelhantes no século XXI. Apesar dos avanços alcançados que oportunizaram às mulheres terem espaço na vida pública e em diferentes ramos de conhecimento, ainda há situações em que as mulheres são desacreditadas, não levadas a sério, ou que precisam repetir diversas vezes seu ponto de vista para serem ouvidas. Assim, o reconhecimento ocorre formalmente, mas na prática, quando diz respeito à credibilidade racional que os homens tiveram a vida inteira, as mulheres ainda estão correndo atrás dessa igualdade.

Rebecca Solnit ao escrever *Os homens explicam tudo para mim* inicia a obra contando o clássico caso de um homem que tentou lhe ensinar sobre um livro que ela mesma havia escrito. A questão essencial nessa discussão é sobre a narrativa de Rebecca do modo como o homem se comporta ao questionar sobre os livros que ela escreveu. "Ele então falou, daquela maneira como a gente incentiva o filho de 7 anos da amiga



a contar como é sua aula de flauta: Ah! E eles são sobre o quê?" (SOLNIT, 2017, p. 12). Nesse trecho é possível retomar os estudos apresentados por Kant e Wollstonecraft, de que a mulher ainda possui uma menoridade inata em sua essência. Não sendo levadas a sério, as mulheres precisam diariamente reforçar suas ideias.

Narrando ainda o caso de Rebecca Solnit, ela demonstra que escreveu vários livros já ao longo da vida, mas na conversa em questão decide comentar sobre o último que foi lançado no ano de 2003, quando houve a conversa em questão. A obra era *Rivers Of Shadows: Edward Muybridge and the Technological Wild West*, que consistia em um estudo sobre "a aniquilação do tempo e do espaço e a industrialização da vida cotidiana". A escritora argumenta que "ele me cortou assim que mencionei Muybridge", e falou "e você já ouviu falar daquele livro muito importante sobre Muybridge que saiu este ano?" (SOLNIT, 2017, p. 12).

Segue explicando: "ele já estava me contando sobre aquele livro superimportante – com aquele olhar presunçoso que eu conheço tão bem nos homens quando começam a falar e falar, com os olhos fixos no horizonte nebuloso e distante da sua própria autoridade" (SOLNIT, 2017, p. 13). Enquanto o homem seguia falando sobre o livro, Sallie, amiga de Rebecca, efetuou algumas tentativas de interrompê-lo para afirmar que o livro era da própria mulher a quem ele estava tentando ensinar (sendo que o homem sequer havia lido a obra, mas apenas leu sobre ela no "New York Times Book Review").

Fatos como esse são cotidianos na vida das mulheres, o que levou ao uso do termo *mansplaining* ser mundialmente utilizado para demonstrar como de fato os homens explicam tudo para mim. O termo consiste em evidenciar essa prática de homens explicarem fatos e situações que já são do conhecimento das mulheres, mas que por algum motivo eles acham que há a necessidade de ensiná-las. A própria Rebecca Solnit (2017) afirma em sua obra que os homens seguem explicando as coisas para ela, e que até o momento de sua escrita, nenhum havia se desculpado por querer explicar, erroneamente, coisas que ela sabe e ele não sabe.

Muitas críticas e releituras feministas surgem a partir dessas observações referentes à situação da mulher na sociedade e de que modo historicamente foi dado a ela um espaço de exclusão do âmbito da razão. Teóricas feministas organizam releituras da teoria kantiana a fim de utilizar do próprio imperativo categórico para denunciar casos em que os direitos humanos das mulheres não são respeitados e outras formas de desigualdades acometidas a elas.

Nagl-Docekal (1997) trabalha com a ideia de um feminismo ético contemporâneo que se beneficia da filosofia kantiana. Para ela, se trata de um instrumento crítico que possibilita expor por qual motivo e de que forma a subordinação das mulheres é um mal moral; e porque oportuniza refletir sobre quais mudanças devem ser feitas na concepção mais ou menos típicas de gênero e em suas práticas para permitir que as mulheres desfrutem, do mesmo modo que os homens, da simpatia e apoio individual e social que precisam para seguir seus próprios caminhos para a felicidade.

O seu método de estudo consiste em aplicar o universalismo formal ao analisar as práticas morais das mulheres presentes em todas as esferas da vida. Assim, a partir do uso do imperativo categórico, é possível verificar os problemas morais no trato que as mulheres recebem pelo fato de serem mulheres. Desse modo, a sua análise permite além de criticar moralmente as práticas discriminatórias, justificar a própria crítica utilizando o universalismo formal (NAGL-DOCEKAL, 1997).

Com uma crítica mais enfática aos escritos de Kant, Luisa Posada Kubissa (1992) afirma que a filosofia kantiana sobre homens e mulheres, inscrita na esfera prática da razão, aplica o argumento de ser natural a desigualdade entre os gêneros, tal como Wollstonecraft já denunciava anteriormente sobre a atribuição de uma natureza na suposta superioridade intelectual masculina. O estudo de Kubissa sobre a hermenêutica feminista alemã demonstra como o próprio Kant entra em conflito com suas teses iluministas ao tratar sobre as questões de gênero.

A relação entre o belo e o sublime de Kant

mascara um desejo de excluir as mulheres do processo de iluminação. Assim, retirando-as da esfera da cultura e do conhecimento, é bloqueada a fonte mais direta para as mulheres questionarem esse papel atribuído a elas. Sobre os leitores de Kant que sucederam sua filosofia e seguiram muitas ideias que o filósofo escreveu, Kubissa questiona se esses intérpretes e leitores esqueceram de apontar essas questões, ou se compartilham sobre suas teses referentes às mulheres, o que fez com que não percebessem o grande obscurantismo filosófico do pensador das luzes referente ao assunto (KUBISSA, 1992).

A emancipação da razão de Kant, livre de qualquer submissão a outro tutor que não seja a razão, é restrita aos homens, tendo em vista que as mulheres seguem necessitando de tutores que as orientem em sua menoridade, e sendo historicamente tais tutores os seus maridos. Nesse sentido, Kubissa afirma que Ángeles Jiménez Perona demonstra como uma "falência" ou "fissura" da universalidade em Kant que exclui as mulheres da esfera ética,

nega sua ação pelo dever e, em vista da função essencial que a esfera prático-moral desempenha para o próprio sistema da razão, torna-a uma "bela irracionalidade", cuja única forma de participar dos fins elevados da humanidade emancipada pela razão é por meio de sua submissão ao "sublime" entendimento e virtude do sexo masculino (KUBISSA, 1992, p. 21, tradução nossa).<sup>7</sup>

Países do Oriente Médio são reconhecidos pelo fato de a palavra da mulher não ter valor legal (SOLNIT, 2017); questões culturais como a mutilação genital feminina em que a menina passa pelo procedimento para garantir uma purificação e estar apta ao casamento, são exemplos de como o homem age com dominação sobre os corpos e as vidas das mulheres (NUSSBAUM, 1999). Ao escrever sobre as formas de desigualdades entre os sexos, além de referenciar a culturas ou religiões diversas, também é necessário demonstrar o

que ocorre no contexto de quem escreve.

Nesse sentido, o Brasil possui elevados índices de casos de feminicídios, sendo que desde o ano de 2015, em que foi promulgada a Lei 13.104/15 no país, os casos passaram de 929 em 2016 para 1.326 em 2019, representando um aumento de 43% no período. No primeiro semestre de 2020, marcado pelo contexto pandêmico do coronavírus, em torno de 648 mulheres foram assassinadas no Brasil sendo reconhecidos como casos de feminicídio (FBSP, 2020).<sup>8</sup>

A antropóloga feminista Marcela Lagarde, ao adotar o termo feminicídio, explica que ele representa diversas violações aos direitos humanos das mulheres, e denominar esses tipos de crimes contra a mulher pela razão de ser mulher possibilita identificá-los como crimes que lesam toda a humanidade. Portanto, é considerado um genocídio contra as mulheres e ocorre quando as condições históricas passam a gerar práticas sociais que permitem violar a integridade, a saúde e a vida de meninas e mulheres (LAGARDE, 2008).

Não há como negar a incidência na atualidade da ideia da mulher como propriedade do homem, como um ser que surge para agradá-lo, como frágil e irracional. Essas formas de ação que resultam na violência atual contra as mulheres demonstram o quanto os homens ainda se acham no direito de violar a integridade física quando elas questionam ou não aceitam determinada situação. A maioria dos casos de violência doméstica e feminicídios se dá no contexto do lar, em que os próprios companheiros são os agressores. É comum ouvir que antigamente não havia tantos crimes violentos contra as mulheres. Há duas hipóteses para isso: a primeira é que não havia registros de casos, pois a vida privada era baseada na ideia de que "em briga de marido e mulher não se mete a colher"; a segunda hipótese é que muitas mulheres sequer questionavam os padrões que eram impostos a elas, como bem demonstrado por Mary Wollstonecraft em seus estudos.

<sup>7</sup> Do original: niega su actuación por el deber y, a la vista de la función esencial que el ámbito prático-moral juega para el sistema de la razón mismo la convierte en una «bella» irracionalidad, cuya única vía de participación en los elevados fines de la humanidad emancipada por la razón pasa por su sometimiento al entendimiento y la virtud «sublimes» del sexo masculino.

<sup>8</sup> Considerando aqui os casos devidamente registrados como feminicídio, pois há diversos que consistem na aplicação dessa definição, mas são classificados como homicídio.

O feminismo possibilita um imenso campo de emancipação social às mulheres, mas a partir dessa reivindicação, vem também a reação de quem foi ensinado, vive e reproduz o patriarcado.<sup>9</sup> Com isso os homens respondem violentamente às medidas emancipatórias de muitas mulheres. Além da luta pelo espaço da razão, a mulher luta pelo espaço na vida pública, por voz, por ser reconhecida como cidadã, como pessoa de direitos e deveres tal qual a outra metade da humanidade. Apesar desse reconhecimento, no caso brasileiro, estar definido pela Constituição Federal e outras legislações, na prática, o acesso a tais direitos não ocorre de maneira plena.

As desigualdades que afetam as mulheres se dão nos variados âmbitos da vida social, e é contra isso que o feminismo argumenta. A resposta violenta é um fato, mas também é um fato as possibilidades que foram abertas para as mulheres viverem da forma como querem. A luta é contínua e árdua, o processo é longo, mas as vitórias e conquistas que as mulheres passaram a ter no decorrer das décadas são extremamente satisfatórias e alentam a esperança de que as futuras gerações possam efetivar suas liberdades da forma como querem, sem a violência como resposta.

Reconhecer as violências de gênero já é um grande passo na denúncia das desigualdades históricas em relação às mulheres. Nesse contexto, além do debate de gênero, o recorte racial é essencial, tendo em vista que historicamente as mulheres negras passam por situações de vida mais precárias e violentas que as mulheres brancas. O feminismo negro surge como uma corrente que trabalha diretamente com essa categoria e com as desigualdades tanto em relação aos homens, quanto às mulheres brancas.

Angela Davis é uma reconhecida ativista e feminista que escreve sobre a luta das mulheres contra as explorações que sofrem até os dias atuais. No período pós-escravidão, as mulheres negras que não estavam trabalhando nos campos, estavam realizando serviços domésticos. Isso não ocorreu

por livre escolha, mas sim por uma forte imposição social de que as mulheres negras seriam as melhores pessoas para efetuarem o serviço doméstico. O racismo, como explicado por Davis, atua de modo intrincado. As empregadoras (em sua imensa maioria mulheres brancas) "acreditavam estar elogiando as pessoas negras ao afirmar preferi-las em relação às brancas" (DAVIS, 2016, p. 102), mas o que argumentavam, na verdade, é que "as pessoas negras estavam destinadas a ser serviçais domésticas" (DAVIS, 2016, p. 102).

Além da função doméstica, a mulher negra era frequentemente abusada sexualmente pelo patrão. Davis demonstra que "por inúmeras vezes, foram vítimas de extorsão no trabalho, sendo obrigadas a escolher entre a submissão sexual e a pobreza absoluta para si e mesmas e para sua família" (DAVIS, 2016, p. 99). No contexto brasileiro, Lélia Gonzalez (1984, p. 224) afirma que "o lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira", e essa articulação do racismo com o sexismo "produz efeitos violentos na mulher negra em particular" (1984, p. 224).

O mito da democracia racial exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Gonzalez demonstra em seus escritos sobre o endeusamento carnavalesco que ocorre com a mulher negra (principalmente na cultura brasileira), e o outro lado desse endeusamento que ocorre no cotidiano da mulher, quando ela se transfigura na empregada doméstica. É nesse momento "que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito" (GONZALEZ, 1984, p. 228), e assim, a nomeação vai depender da situação em que essas mulheres são vistas.

A mulher negra anônima e habitante da periferia é quem mais sofre com os efeitos da culpabili-

<sup>9</sup> Como patriarcado, pode ser utilizada a ideia expressa por Márcia Tiburi, de que "representa a estrutura que organiza a sociedade, favorecendo uns e obrigando outros a se submeterem ao grande favorecido que ele é, sob pena de violência ou morte" (TIBURI, 2018, p. 59), o que pode ser evidenciado quando se menciona a resposta violenta dos homens, resultando em dados estatísticos como feminicídio e violência doméstica, em relação às mulheres.

dade branca. Isso se dá porque "ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha" (1984, p. 231), tendo em vista que seu marido, seus irmãos ou seus filhos são reconhecidos

objetos de perseguição policial sistemática (esquadrões da morte, "mãos brancas" estão aí matando negros à vontade; observe-se que são negros jovens, com menos de trinta anos. Por outro lado, que se veja quem é a maioria da população carcerária deste país) (GONZALEZ, 1984, p. 231).

O feminismo tem fundamental importância na vida das mulheres. Desde os primórdios de seu surgimento com os escritos de Wollstonecraft até as teorias atuais, as mulheres denunciam e reivindicam melhorias em suas vidas. Há diversas correntes dentro do próprio movimento, o que torna possível essa reivindicação de forma mais específica em cada contexto. A partir dos escritos apresentados de Davis e Gonzalez, é possível ter uma noção da dimensão e da essencialidade dessas mulheres denunciarem a posição da mulher negra na sociedade e esclarecerem de que forma tudo isso foi previamente definido pela própria sociedade.

Em um contexto geral, as reivindicações feitas pelas mulheres são de respeito, estando diretamente ligados à vida e à integridade física. Os direitos humanos das mulheres possuem um longo percurso de luta e violência, e, com suas particularidades, é possível observar a partir dos estudos de cada autora feminista como se dá essa luta. Certamente não há como abordar todas as formas de luta em um texto apenas, mas é possível ter uma ideia geral de como o acesso à educação e aos espaços públicos, bem como melhorias na situação de trabalho das mulheres é uma reivindicação feita por todas.

O momento no qual Wollstonecraft (2016) escreve é anterior às lutas proletárias, quando a burguesia ocupava a posição das lutas revolucionárias. O feminismo internacional atual vive o mundo capitalista, e a luta que se segue após os estudos de Wollstonecraft é anticapitalista e está relacionada à classe trabalhadora, que é revolucionária. A importância de mencionar esses contextos diversos se dá para a compreensão

efetiva dos estudos da filósofa, e de que modo sua obra influencia os novos estudos, com novas adaptações ao contexto atual mundial.

### Considerações finais

Os estudos de Wollstonecraft demonstram a necessidade de a mulher obter uma educação de qualidade. A liberdade e a razão são pressupostas essenciais para a virtude da mulher. O sistema de educação utilizado em seu tempo foi escrito por homens, e esses criadores consideravam a mulher como um ser irracional, mais como fêmeas do que criaturas humanas, e a base do sistema educativo era transformá-las em damas sedutoras e esposas afetuosas.

Reforçando o pensamento da época, Kant propõe que a educação deve ser baseada na distinção clara entre homens e mulheres, reconhecendo que há uma natureza a essa atribuição, em que o homem é relacionado ao sexo nobre e sublime, enquanto a mulher é o sexo belo. O filósofo apresenta a mulher como um animal doméstico no estado de natureza, e demonstra que sua função é refinar o sexo masculino e servi-lo.

Considerando a importância da filosofia kantiana, seus escritos reforçam a ideia de impor o espaço privado das relações sociais para as mulheres, de modo que sua natureza é ser emocional e não utilizar da razão para basear sua vida. A menoridade da mulher representa essa ideia de relacioná-la a uma criança, como se não tivesse capacidade por decidir por si mesma, sempre necessitando de um tutor. Nesse sentido, os estudos de Wollstonecraft revolucionaram o pensamento da época, demonstrando que a mulher pode ser guiada pela razão e que isso deve ser estimulado a partir de uma educação de qualidade.

O imperativo categórico kantiano é apresentado como uma possibilidade de basear as ações humanas em comportamentos com valores morais. A emancipação da razão foi historicamente um benefício masculino, mas o próprio imperativo categórico kantiano possibilita denunciar as formas de desigualdades entre homens e mulheres, de modo que o feminismo ético possa se beneficiar de sua formulação. A partir de uma releitura

feminista, é possível questionar os postulados da teoria kantiana e oportunizar um espaço para a mulher no campo de discussão da razão.

A partir das novas perspectivas feministas, é demonstrado como atualmente ainda há homens que acreditam que a mulher não possui capacidade de se autodeterminar pelo uso da razão, agindo como se ainda estivessem encobertas pelo manto da menoridade. O relato de Rebecca Solnit demonstra como as mulheres enfrentam diariamente situações em que os homens acham que precisam explicar a elas sobre assuntos que elas entendem.

Questões culturais e religiosas foram demonstradas como exemplos em que a mulher ainda vive sob uma condição de extrema desigualdade em relação aos homens. No caso brasileiro, os elevados índices de feminicídios demonstram que a reação dos homens ao não aceitarem o fim de um relacionamento, ou motivados por ciúmes, ou a partir da ideia de a mulher ser propriedade sua, resultam em mortes violentas de suas parceiras. Além disso, a violência doméstica também é uma resposta do homem ao descontentamento com alguma ação da mulher.

O feminismo é apresentado como um imenso campo que oportuniza às mulheres lutar por suas liberdades e denunciar as desigualdades e violências existentes. O recorte de raça e classe social foi demonstrado como essencial para essa discussão, e nisso entra a luta de mulheres e feministas negras para denunciar as diversas formas de exploração, abuso e violência que permeiam suas vidas. Os dados de violência do país demonstram como mulheres negras são as mais afetadas e, a partir de estudos apresentados de Davis e Gonzalez, é observado como essas mulheres encontram uma luta mais árdua em relação à igualdade de gênero, do que as mulheres brancas, e que sua posição na sociedade é historicamente relacionada ao serviço doméstico.

O intuito do presente texto foi apresentar ideias centrais de Wollstonecraft e Kant, a partir do contexto iluminista, para demonstrar como suas filosofias influenciaram e oportunizaram diversas novas interpretações e reformulações para a teoria feminista. Como já afirmado, dentro do

próprio feminismo existem diversas correntes, e mesmo que algumas não derivem diretamente dos estudos de Wollstonecraft, é necessário reconhecer a importância e o marco histórico que foi seu texto para o movimento, por ter sido um dos primeiros escritos reivindicando melhorias na vida das mulheres. É possível vislumbrar como a luta pela igualdade de gênero é longa, e no decorrer desse período muito já foi conquistado. Entretanto, ainda há um longo caminho a percorrer e as diversas correntes e reivindicações feministas se mostram como principal forma de denunciar e demonstrar os caminhos para alcançar essa igualdade almejada.

## Referências

BUENO, Samira; LIMA, Renato Sérgio de (coord.). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2021.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, p. 223-244, 1984.

KANT, Immanuel. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2009.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2007.

KANT, Immanuel. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*. Lisboa: Edições 70, 2012.

KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: O que é o Esclarecimento?* Tradução de Luiz Paulo Rouanet. [1784?]. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/plu-ginfile.php/5158861/mod\\_resource/content/1/09.%20Kant.%20O%20que%20%C3%Ag%20o%20Esclarecimento.pdf](https://edisciplinas.usp.br/plu-ginfile.php/5158861/mod_resource/content/1/09.%20Kant.%20O%20que%20%C3%Ag%20o%20Esclarecimento.pdf). Acesso em: 26 jan. 2021.

KUBISSA, Luisa Posada. Cuando la razón práctica no es tan pura (Aportaciones e implicaciones de la hermenéutica feminista alemana actual: a propósito de Kant). *ISEGORÍA*, Madrid, n. 6, p. 17-36, 1992.

LAGARDE, Marcela y De los Ríos. Antropología, feminismo y política: violencia feminicida y derechos humanos de las mujeres. In: BULLEN, Margaret; MINTEGUI, Carmen Diaz (coord.). *Retos teóricos y nuevas practicas*, 2008. San Sebastián: Congreso de Antropología, 2008. p. 209-239.

NAGL-DOCEKAL, Herta. Feminist Ethics: How It Could Benefit from Kant's Moral Philosophy. In: SCHOTT, Robin (ed.). *Feminist Interpretations of Immanuel Kant*. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 1997. p. 101-124.

NUSSBAUM, Martha C. Judging Other Cultures: The Case of Genital Mutilation.

In: NUSSBAUM, Martha C. *Sex and Social Justice*. New York: Oxford University Press, 1999. p. 118-129.

SOLNIT, Rebecca. *Os homens explicam tudo para mim*. Tradução de Isa Maria Lando. São Paulo: Cultrix, 2017.

TIBURI, Márcia. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rio dos Tempos, 2018.

WEBER, Thadeu. *Ética e filosofia política: Hegel e o formalismo kantiano*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos da mulher*. Tradução de Ivania Pocinho Motta. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

---

### Rafaela Weber Mallmann

Graduada em Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI), em Ijuí, RS, Brasil. Mestranda e bolsista Capes/Proex do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

---

### Endereço para correspondência

Rafaela Weber Mallmann  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Av. Ipiranga, 6681  
Partenon, 97010-082  
Porto Alegre, RS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.*